

# humanitas

Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLUME II



COIMBRA  
MCMXLVIII-MCMXLIX

levados para o concreto, incapazes de compor um forte drama de paixão, como Propércio, ou de dissolvê-lo, como o verdadeiro Tibulo, para deixar falar somente as divinas palavras, ou o silêncio, mais divino ainda (1).

Cedi a palavra a Luigi Alfonsi para a luminosa síntese desta obra de alto interesse, que honra a colecção em que vem inserta e à qual pertencem obras como o estudo do mesmo A. sobre Propércio, a que atrás se fez referência; o livro de Riposati sobre os *Topica* de Cícero, estudo denso, em que vemos com satisfação citado um conterrâneo nosso, António de Gouveia (*Goveanus*); ou o valioso esboço que Paribeni dedicou ao desenvolvimento do poderio macedónico, e em que a par de um quadro verdadeiro da rudeza do país e dos habitantes e da grandeza política, mas desonestidade pessoal, de Filipe, se traça um retrato real de Demóstenes e de Isócrates e se faz um juízo superior do sistema político ateniense.

O referido estudo de Luigi Alfonsi não honra menos a gloriosa universidade católica onde o A. professa e à qual nobremente preside o sábio P.<sup>o</sup> Gemelli, que a nossa Universidade conta entre os seus doutores.

FELISBERTO MARTINS

Folco Martinazzoli — *Seneca. Studio sulla morale ellenica ?!ell-esperien^a romana*. Firenze, «La Nuova Italia» Editrice, 1945. Xu -f- 306 pp.

Sêneca, afirma o Prof. Martinazzoli na prefação da obra que temos presente, tem sido urna das figuras mais estudadas e discutidas, desde os tempos mais remotos. E, a propósito do interesse inesgotável da sua obra, lembra elogiosamente o esforço de Marchesi no intuito de mostrar o significado espiritual da obra de Sêneca, libertada do preconceito retórico.

Na página vm concretiza o intento que se propôs, e conseguiu, realizar neste livro:

«immergere Seneca nella cultura greco-romana, illuminarlo e studiarlo nel clima morale e filosofico che è il frutto della παιδεία ellenica e dell'esperienza romana, indissolubili nel quadro dell'evoluzione dello spirito classico come «unità storica». »

Chama a atenção para o valor trágico e simbólico da figura de Sêneca E oferece-se então oportunidade ao Autor para, tal como faz em *Ethos ed Eros nella poesia greca*, salientar a verdadeira contribuição da filologia :

«Tapporto concreto ch'essa dà all'ampiezza d'orizzonte con cui, pur vivendo la nostra limitata esistenza, possiamo aiñarci

(1) Cf. pp. 97 e 98.

interi mondi scomparsi e ricreare nel nostro piccolo ritmo d'esperienza il vasto ritmo di esperienze secolari.» (p. χ)

Justifica o interesse humano de Séneca pela repercussão que uma sua expressão, *condicio rerum humanarum*, teve pelos séculos fora, através de Gregorio de Nissa, Maquiavel, Pascal, Leopardi e Amiel.

Reparte por quatro capítulos este seu trabalho, subordinados ao estudo dos seguintes aspectos:

—«Formazione spirituale e formazione retorico-stilistica nelle opere morali di Seneca» (cap. ij; «II teatro di Seneca» (cap. 11); «Misticismo ed antimisticismo in Seneca» (cap. m) ; «II problema morale» !cap. iv).

No capítulo i, lamenta que os estudiosos se detenham demasiadamente no aspecto retórico, deixando na sombra o verdadeiro interesse de Séneca, «squisitamente morale, intellettuale, insomma — per diria in una parola — prevalentemente di contenuto piuttosto che di forma» (p. 8).

Alude aos diversos pareceres formulados acerca do estilo de Séneca, nem sempre concordes, pois, se por um lado Tácito, Norden e outros insistem no tom declamatório, por outro, opõe o Autor, Misch reconhece na obra de Séneca um elemento vital importantíssimo que faz prevalecer o conteúdo sobre a forma.

Depois de sumariar as aceções em que pode ser tomada a palavra «retórica», analisa o estilo de Séneca, concluindo:

«Non tutto in Seneca é retorica; non solo, ma anche tra ciò che veramente c'è in lui di retorico, una certa parte esprime essa pure, a suo modo, la personalità dello scrittore e dell'uomo.» (p. 18.)

Ao falar do contraste observado entre a amplidão retórica e a tendência para um estilo sóbrio, foca o problema das famosas contradições de Séneca, cuja origem se propõe indagar. Refere e explica algumas delas, umas de ordem prática — Séneca exaltava a pobreza e, todavia, era bastante rico — e outras, mais importantes, de carácter intelectual. Vacila entre o pessimismo e a indiferença; ora o fascina o humanitarismo, ora se isola no aristocratismo.

Ocorre-nos citar um exemplo frisante destas contradições, referente à natureza e destino da alma. Ora enfileira com os Estoicos, dizendo, no *Ad Polybium de consolatione* :

*«nihil perpetuum, pauca diuturna sunt ; aliud alio modo fragile est, rerum exitus uariantur, ceterum quicquid coepit et desinit»,*

ora junta a sua voz à de Platão, para bradar, no *Ad Marciam de consolatione*:

*« Imago dumtaxat filii tui perit et effigies non simillima; ipse quidem aeternus meliorisque nunc status est, despoliatus oneribus*

*alienis et sibi relictus. Haec quae uides circumdata nobis, ossa, nervos et obductam cutem uultumque et ministras manus et cetera quibus inuoluti sumus, uincula animorum tenebraeque sunt. Obruitur his animus, Ofuscatur, inficitur, arcetur a ueris et suis, in falsa coniectus; omne illi cum hac carne graui certamen est, ne abstrahatur et sidat; nititur illo unde dimissus est; ibi illum aeterna requies manet, e confusis crassisque pura et liquida uisentem.»*

Tais contradições, mais de forma que de substância, visto tratar-se de atitudes do espírito humano absolutamente conciliáveis, atestam a complexidade e a riqueza do espírito de Séneca, tão profunda e trágicamente humano. Não se pode, pois, insiste o Prof. Martinazzoli, compreender o estilo de Séneca isolando-o da problemática do seu conteúdo.

Para a esclarecer e analisar, refere-se ao ambiente em que se desenvolveu a personalidade de Séneca. Nessa reconstituição de factores sociais e políticos que modificaram a trajectória da literatura contemporânea, alude às consequências que trouxe para a eloquência a abolição, depois de César, da *ζσηγορία*, à importância que então adquiriram as escolas dos retores, que, se por um lado se alheavam da «vita vissuta», por outro estimulavam o gosto da literatura, tornavam-se «asilo di libertà di parola e di *humanitas*» (p. 50). A elas se deve o influxo escolástico-retórico que se sente na obra de Séneca.

A esta influência acresce a acção da educação paterna, de Séneca-o-Velho, homem de princípios rígidos, saudoso do passado, e que, na sua incansável admiração pela pompa oratória de Cícero, não podia aprovar a evolução que a eloquência seguia, enquanto o filho se mostrava anticiceroniano.

Entre outros factores externos, recorda ainda o facto de o alheamento da vida conduzir à esterilidade da discussão de temas fictícios e também a tendência da filosofia estóica para a declamação moralística.

Nos motivos de natureza subjectiva inclui o exercício da advocacia e a exuberância do temperamento hispano de Séneca. Para o Prof. Martinazzoli, a tendência retórica de Séneca não é uma simples questão estilística, mas antes vital, inspirada por um móbil moral. Por isso, Séneca protesta contra a cultura e a erudição, quando não contribuem para esse fim moral que, para ele, se torna questão preponderante e absorvente.

Seguidamente, equaciona o problema «qual è il significato della retorica come parte integrante della personalità Senechiana?» (p. 69), para o qual propõe a solução: «la retorica di Seneca è (...) una preparazione alla morte, una propedeutica della sventura, in cui bisogna avvertire anche l'eco, spesso tormentosa, del dramma politico del Nostro.» (p. 75.)

De facto, é riquíssimo o caudal das experiências, diversas mas proveitosas, de Séneca: — na corte foi privado e ministro, filósofo e conselheiro do imperador; se viveu o fausto da corte e foi arrebatado pela glória, também conheceu a desventura e a solidão do exílio.

É esta sucessão de experiências vividas, «não sonhadas», tecida de sucessos e fracassos, ora acalentada de esperanças, ora acabrunhada de

desilusões, que dá um tom sério e sincero à obra de Séneca, aquele sentido humano que o leva à compreensão da *condicio rerum humanarum*, de tal modo que a Séneca se pode ajustar o desabafo de Dido: *Non ignara mali miseris succurrere disco.* (*En*, 1, 630.) MartinazzoK aproveita a oportunidade para sintetizar, a traços largos, mas impressivos, o drama de Séneca na corte de Nero.

No capítulo n, dedicado à análise do teatro de Séneca, fala-nos do problema da autenticidade das peças, acentuando a tendência moderna para atribuir a Séneca todas as tragédias, com excepção de *Octavia*. Invoca argumentos extrínsecos e intrínsecos, referindo-se, p. ex., ao tom sentencioso que anuncia o Séneca moralista, sem que todavia evite o lugar-comum, as frases pomposas, falhas de sentido profundo, de acordo com a tendência «filosofante» da época. As personagens e a acção não têm veracidade: são deformadas pela mitologia e pela declamação.

O teatro de Séneca manifesta, sob certas restrições, «qualche cose di personale e di originale solo nell'intenzione, ma non nella effettiva realizzazione artistica» (p. 117).

Como nota caracteristicamente pessoal, aponta Martinazzoli os conceitos, a presença constante de uma *ποιήσις* moral, que na maturidade se aprofundará nos tratados morais. Passando à análise dos processos retóricos dessas tragédias, que não foram representadas, mas apenas lidas, afirma que «il difetto (...) di questa retorica senechiana nelle tragedie investe la qualità piuttosto che la quantità» (p. 135). E atribui o tom enfático das tragédias ao temperamento retórico de Séneca.

A razão do seu fracasso encontra-se Martinazzoli no facto de Séneca, todo preocupado com o problema interior, não poder compreender a tragédia tal como os Gregos a entendiam, — inspiração lírica, épica, filosófica, religiosa, musical. Por esse motivo, tal género torna-se com ele um exercício de artificiosos ingredientes literários. Veja-se o abuso dos nomes geográficos e mitológicos (cf, p. ex., *Hercules furens*) e a tendência para as descrições exaustivas.

Todavia, o Autor reconhece que o temperamento retórico de Séneca é superior a estes artificios, e situa por isso a elaboração das tragédias num período que esboça e prepara a maturidade.

No capítulo m—o do problema religioso — afirma que a atitude do filósofo perante a devoção vulgar no seu tempo não era de adesão, mas sim de desconfiança. A maneira como Séneca se refere à filosofia, que exige frugalidade e não penitência, prova de modo indubitável a distância que separa Séneca do ascetismo religioso. Séneca era «un razionalista, un immanentista, un moralista» (p. 173).

Contudo —nova contradição—, o filósofo hispânico deixa transparecer certo desdém pela vida dos sentidos, a *uoluptas corporis*, a que contrapõe a *uoluptas animi*, verdadeira educação da vontade que ajuda fielmente o homem a combater as suas tendências e a saber enfrentar com firmeza as situações que lhe oferece o convívio com o mundo exterior.

O último capítulo é consagrado à análise do espírito da moral de Séneca. O motivo central da sua obra é de natureza ética e gira todo ele

à volta do problema da integridade do homem, já encarado pelos Cínicos e por Epicuro. Em Séneca, que viveu numa época em que a tirania e a opressão tendiam a paralisar e a escravizar o indivíduo, essa integridade manifesta-se por uma defesa activa e constante deste perante o elemento externo, alimentada pelo rovoç da concepção estóica. Séneca admira esse elemento interior, que a si próprio se basta, e exalta-o porque, sendo inacessível, é livre. A grandeza do *animus* tem o poder de modificar as coisas externas. No nosso *animus* reside todo o nosso bem, toda a nossa riqueza: «qui se habet nihil perdidit». Só ele nos garante a felicidade.

Neste trabalho (é o seu mérito maior, mas não o único), o Prof. Martinazzoli apresenta-nos Séneca como um irmão nosso que, espectador e actor de uma época de desenfreado, desumano e insaciável egoísmo, muito desejou, pecou, sofreu e meditou.

Tão rica e dolorosa experiência levou Séneca a formular o seu conceito de felicidade, guiada unicamente pela luz da virtude:

*«Istud humile tugurium nempe iirtutes recipit ? lam omnibus templis formosius erit, cum illic mstitia conspecta fuerit, cum continentia, cum prudentia. pietas, omnium officiorum recte dispensandorum ratio, humanorum diuinorumque scientia. Nullus angustus est locus, qui hanc tam magnarum uirtutum turbam capit; nullum exsilium graue est, in quo licet cum hoc ire comitatu.» (Ad H elui am matrem de consolatione.)*

MARIA DO CARMO LAPIDO DE ABREU

## ESTUDOS DIVERSOS

Jacques Perret — *Siris, Recherches critiques sur l'histoire de la Siritide avant 433/2.* — *Collection d'études anciennes publiées sous le patronage de l'Association Guillaume Budé.* Paris, Société d'édition «Les Belles Lettres», 1941. in 8°, 292 pages.

Siris était une colonie grecque fondée sur les côtes du golfe de Tarente entre les fleuves Agri et Sinni ; sur le même emplacement les Tarentins fondèrent en 433/2 leur colonie d'Héraclée. Telle qu'elle apparaît à travers des notices à tout le moins légendaires, souvent incohérentes et contradictoires, l'histoire de Siris est fort longue. Elle aurait été d'abord une fondation troyenne, puis une colonie ionienne; des gens de Colophon s'y seraient établis à leur tour. Une légende religieuse reparait dans